

“Sinto, logo existo”  
António Damásio in “O Erro de Descartes”

Guilherme Parente nasceu em Belém em 1940 e desde muito cedo, provavelmente por influência do seu tio-avô, o naturalista Pedro Guedes, manifestou o seu lado criativo nas pequenas brincadeiras na casa de família. Nessa altura, o jovem Guilherme concentrava toda a sua atenção e dedicação a construir o seu imaginário em caixas ocupadas por bonecos e objectos encontrados pelos campos. Aquele era o seu mundo, guardado religiosamente, onde se escondiam os sonhos. Passados muitos anos, era Guilherme Parente funcionário público, decide frequentar o curso nocturno na Sociedade de Belas Artes onde se dá o seu encontro com o Mestre Roberto Araújo. Estávamos no início dos anos 60 e desde aí os sonhos deixaram de estar escondidos. Antes pelo contrário, estão aí, bem visíveis. Como dizia Paul Klee, um dos pintores mais marcantes na personalidade artística de Parente, “A pintura não reproduz o visível, torna visível”.

Se é certo que a pintura de Guilherme Parente trata de sonhos e da vida, que pode ajudar, a nós receptores, a completar a nossa personalidade e visão do mundo, é também certo, no meu entender, que o faz confrontando-nos com o conforto. Ou seja, ao dar forma à forma como vê o mundo, Parente como que restabelece alguma serenidade nas mentes, acordando-nos de uma certa inércia e apatia. Somos confrontados com os pequenos instantes de poesia e mistério. O silêncio disciplinado de Parente capta a essência da realidade que o rodeia. Surgem paisagens, sempre paisagens, idílicas onde “habitam” árvores, personagens delicados, colunas, barcos, símbolos do seu universo pictórico. Há um convite à contemplação destas aquarelas que representam a realidade experienciada pelo artista e que nos perguntam, num confronto subtil, por que razão, muitas vezes, não conseguimos ver o mesmo? Por que razão não conseguimos descobrir a verdade poética defendida pelos românticos que consideravam a arte «não apenas como conhecimento, mas também como *conhecimento supremo* que possibilita um acesso privilegiado à verdade»<sup>1</sup>?

Na obra de Guilherme Parente encontramos uma profunda motivação de partilha de alegria, harmonia, serenidade. Trata-se, a meu ver, sobretudo de uma pintura de afectos. É precisamente neste ponto que se dá o encontro com Espinosa que considerava as emoções e os sentimentos, o conjunto que o próprio designava de afectos, como um aspecto central da humanidade. Ver e sentir... seremos capazes de nos deixar levar pelos afectos de Espinosa, a partir da pintura de Guilherme Parente?

Ana Matos

Maio de 2008

---

<sup>1</sup>in Dicionário de Estética, direcção de Gianni Carchia e Paolo D'Angelo, 1999, Edições 70